

Veterinary Medicine - An Illustrated History. Robert H. Dunlop & David J. Williams. Mosby-Year Book Inc., St. Louis (USA), 1996

Tradução: CID FIGUEIREDO*

** tradução livre de alguns trechos da obra original*

Dos nove livros relacionados em bibliografias de medicina veterinária durante o período pré-Tang (China, antes de 618 DC), oito deles fazem descrições, um deles sobre equinos e outro sobre equinos, búfalos, bovinos, camelídeos e muares. O governo Tang estabeleceu um departamento de Medicina Veterinária e uma escola de Medicina Veterinária. A formalização da clínica e da educação veterinárias foi descrita em 618 DC. Li Ssu editou a Coleção de Formas para Aliviar o Sofrimento do Cavalo (Su Um Na Ch'i Chi). Listava 76 doenças graves e 36 etiologias e foi considerado o primeiro texto sobre diagnóstico diferencial em Medicina Veterinária. Este trabalho expandiu-se de quatro para oito volumes durante as dinastias Sung (960-1279 DC) e Yuan (mongol, 1279-1368) e incluía uma seção intitulada Prescrições Testadas de Origem Nômade.

Fazendeiros eram treinados para tornarem-se doutores em equinos. Uma enciclopédia militar de cerca do ano 1004 DC descreveu doenças de equinos e seu tratamento. Relacionava os locais da pele usados como pontos de acupuntura e descrevia o tratamento de feridas obtidas em combates. As receitas eram fornecidas para muitas doenças específicas, a maior parte delas para distúrbios digestivos. As fezes impactadas eram removidas manualmente dos animais com cólica provocada pela forragem grosseira. Os remédios eram principalmente vegetais administrados sob forma líquida. Um livro sobre matéria farmacêutica foi produzido pelo governo durante a dinastia Sung.

O papel do médico veterinário era o de transmitir o conhecimento das disfunções dos animais para aliviar inflamações e para curar uma variedade de doenças conhecidas. A principal via de tratamento era constituída por funil com beberagens via oral. Também era necessário observar a disposição e o comportamento do animal para estimulá-lo e para corrigir o equilíbrio do

yin-yang (energias opostas na filosofia chinesa) perturbado. Para as inflamações, o animal recebia medicamentos para eliminar o agente causador. Eram fornecidos também água, alimentos e medicações juntamente com repouso para permitir a restauração da saúde.

No Japão, apelavam-se para figuras mitológicas. O país identificou a necessidade de conhecimentos veterinários durante a época de rara expansão dos contingentes de cavalos com objetivos militares na Ásia Oriental. Um "padre" veterinário foi trazido da Coreia para o Japão no ano 598 DC para treinar uma pessoa da corte imperial na ciência veterinária. Assim, as ideias coreanas forneceram as bases do desenvolvimento da veterinária japonesa. O Japão participou desta versão precoce desta corrida armamentista no século VII DC. Em 731 DC o governo deu permissão para as pessoas se tornarem doutores em cavalos e em 804 um desses profissionais veio da China para ensinar ali o conhecimento atualizado. Os cavalos militares foram criados mais tarde no século XII. A Guerra Civil de 1467 envolveu guerreiros samurais montados e desencadeou forte demanda de doutores em cavalos, de forma que uma escola foi criada para treiná-los quando Osaka era a capital do Japão. Os conceitos ocidentais de Medicina Veterinária provavelmente foram introduzidos por contatos com holandeses; um veterinário japonês foi treinado neste sistema.

A evolução da Medicina Veterinária nas culturas indianas foi influenciada grandemente pela emergência da Medicina como campo de educação. A mitologia antiga invocava poderes extraterrestres para explicar os eventos além do controle humano. A crença nos demônios como causa de doenças e comportamento alterado era disseminado. O Veda Atharva demonstra que a classe eclesiástica influenciava o tratamento de doenças em humanos e em animais mediante orações, encantamentos, feitiços, poções e exorcismo. No Rig-Veda, o termo bhisaj referia-se à cura da doença. Mais tarde, o doutor tradicional tornou-se conhecido como Vaidya. A ioga foi praticada como esforço para conhecer o mistério total sobre todo o corpo e mente via hipnose auto virtual; este método funcionou como excelente preventivo clínico. Dentre as doenças identificadas como takman, a febre que

aparecia com o início das monções, presumivelmente a malária e yaksma, que era a tuberculose. A dependência intensa dos elefantes e dos cavalos nas atividades da guerra provocou o papel dos veterinários em elevado conceito. Certo número de curadores de animais é mencionado pelos séculos na literatura. Alguns dos Jatakas Budistas descrevem os doutores de elefantes como um quadro de profissionais identificáveis. Palakapya, figura lendária do período Épico, foi considerado o autor de Hastayurveda (termo derivado de hastin - palavra derivada do sânscrito para "possuindo mão" - referência ao tronco do elefante - e ayur ou "vida longa"). O tratado era dedicado ao deus Ganesha e pertence às orações védicas. O texto descreve o conhecimento da vida e da saúde do elefante, todavia não apareceu completo na tradução. Estabelecia que os elefantes na vida selvagem ficavam doentes porque os elefantes cativos tinham muitos problemas de saúde. O tratado classificava as doenças em quatro categorias: introdução e principais doenças, doenças e venenos mais simples, cirurgia e obstetrícia e terapêutica. Entre as doenças dos elefantes, 315 são atribuídas aos ventos, ao baço, ao muco ou ao sangue ou combinações variadas destes, classificação que apresenta alguma similaridade com o conceito grego de quatro humores. A conexão grega também aparece na descrição do veterinário ideal dos elefantes, o qual é acentuadamente semelhante ao ideal hipocrático do médico. Uma febre grave denominada raka/a era considerada como específica dos elefantes. Raja yakshma ou tuberculose recebeu atenção especial, sendo atribuída ao trabalho pesado e constante durante exposição excessiva ao sol e ao calor. Ampla variedade de sinais foram observados e o prognóstico era desfavorável. A seção destinada à cirurgia incluía discussões sobre o tratamento e sutura de feridas, bem como à assustadora tarefa de conter esse paciente imenso durante a intervenção cirúrgica. A contenção era particularmente desafiadora porque o elefante não era animal completamente domesticado; os princípios da acupuntura foram utilizados para identificar locais convenientes para conter os elefantes. Os problemas mais corriqueiros dos elefantes cativos incluíam ferimentos cutâneos, rachaduras nos pés, indigestão, pneumonia, tuberculose e olhos inflamados. Foram descritas duas formas de tuberculose, uma doença consuntiva, e outra forma pulmonar em texto hindu há 2000

anos. Os elefantes de trabalho tendiam a trabalhar em excesso e receberem dietas inadequadas, o que os levava a exaustão e cólica. Os elefantes de guerra sofriam com feridas, com flechas incrustadas ou fraturas e infecção subsequente. Recebiam frequentemente bebidas alcoólicas com vistas a torna-los mais agressivos.

As profissões de saúde na Grécia antiga, como em outros locais, tinham suas raízes na mitologia e na magia. Os deuses possuíam um doutor, como Paiano, o primeiro a curar suas feridas e prescrever medicamentos vegetais. Como tributo às proezas egípcias na medicina, o poeta Homero referiu-se aos egípcios como a raça de Paiano. Este último foi superado pelo lendário centauro Quirão, que se tornou a imagem dominante da fundação da medicina comparada; ou seja, Quirão era tanto humano como animal. O centauro foi a criatura imaginária com o tórax e as quatro pernas de um cavalo, mais o tórax, os braços e a cabeça humanos. Sugeriu-se que um dos criadores bárbaros de bovinos das tribos da Trácia atacando montado pela primeira vez (cerca de 1400-1300 AC) tenha sido a primeira fonte do mito centauro. Ao contrário de outros centauros, que eram temidos e evitados, diz-se que Quirão combinava o conhecimento básico instintivo básico de sua "cavalarice" com os tratos intelectuais da sabedoria humana, incluindo a sagacidade, amor à música e o conhecimento das artes da cicatrização. A Tessália era parte da Grécia que se tornou famosa por seus cavalos. Dizia-se que Quirão assumiu a responsabilidade pela educação de muitos jovens excepcionais, incluindo Asclépio (Esculápio em latim) e Melampo. Era considerado como pessoa real vivendo em caverna no Monte Pelion. Foi descoberta recentemente na Tessália uma caverna com a descrição exata da caverna e do altar de Quirão. Aristaios, aluno de Quirão, tornou-se discípulo de Quirão. Quando ele morreu, tornou-se a constelação do Centauro. Melampo era considerado como seguidor de Quirão e tendo a capacidade incomum de comunicar-se com os animais e de tratá-los. Diz-se que nasceu em 1380 AC e viveu em Pilas. Foi famoso como criador de ovinos e tratava das doenças deles. Apolo era o deus mítico da doença e da cura. A lenda diz que Asclépio nasceu por cesariana mas sua mãe faleceu e ele foi educado por Quirão. Diz-se que ele ficou famoso

clínico e cirurgião, do qual um culto desenvolveu-se inicialmente em Epidauro, curando pessoas e animais. Moedas romanas da ocasião mostram-no tratando de um bovino. Acliano relata que Asclépio recuperou a pata lesada de um galo. Cães, serpentes e aves eram conservados e foram consagrados a Asclépio e sua filha Higia (daí a palavra higiene). Eventualmente, muitos altares foram preparados e pessoas e animais doentes eram trazidos para cura.

Alexandre, o Grande, discípulo de Aristóteles, expandiu o império grego em campanhas pelo Mediterrâneo, Ásia ocidental, Arábia, África e sul da Ásia até o vale do Indo, levando a cultura grega e a lógica de Aristóteles para essas regiões. Alexandre possuía relação excepcional com Bucéfalo, seu glorioso cavalo negro, considerado como incapaz de ser adestrado por qualquer outra pessoa. O templo de Poseidon (Netuno para os romanos) foi construído próximo ao mar como ponto focal de culto aos cavalos. Restrições religiosas sobre disseções e experimentos humanos eram descartados. A anatomia comparada avançou por meio da disseção de animais e de humanos e a fisiologia enriqueceu-se pelos experimentos com vivisseção. O resultado foi o grande progresso na ciência médica básica.

As raízes culturais da medicina veterinária romana provêm dos etruscos, que amavam cavalos e bovinos. O remanescente de sua arte nas tumbas de Tarquínia e outros locais demonstram cavalos de pernas longas para corridas, bem como touros. Esta arte demonstra conexões com aquelas da Grécia e de sua diáspora pelo Mediterrâneo entre 700 AC e 300 AC. Os etruscos desenvolveram adivinhações com duas abordagens. "Augúrio" era realizado por indivíduos que baseavam suas previsões no voo e no canto das aves e aruspício [exame das vísceras de animais sacrificados] requeria o exame das vísceras com foco especial no aspecto do fígado. Portanto, o "arúspice" era autoridade em doenças dos animais e seu significado como arautos de eventos futuros, ou seja, um oráculo. Os romanos seguiram muitos dos costumes etruscos. Os animais eram muito estimados. O nome "Itália" deriva de /tatus, nome de um touro caçado por Hércules na Sicília. A palavra pecus, significando dinheiro, deriva da mesma raiz para "bovinos" [pecus]. Os cuidadores de animais eram chamados de *souvetaurinarii*, da qual deve ter derivado a

palavra veterinário. Todavia a palavra "rebanho" era veterina, outra possível derivação do termo. O veterinarius era quem tomava conta dos rebanhos nos acampamentos militares. O termo medicus veterinarius também foi utilizado em algumas inscrições. Columela, autor de assuntos agrícolas e veterinários utilizou o termo veterinarius para cuidadores de porcos, ovinos e bovinos e mulomedicus para doutores em cavalos. Este último termo também foi aplicado para um escravo que obtivesse a liberdade. O termo medicus equarius também aparece com referência a um tipo de doutor em cavalos desmobilizado do exército romano. Quando Tarentunus, prefeito pretoriano sob o reinado de Comodus (180-192 DC) formalizou os regulamentos militares, o termo veterinarii apareceu: os veterinários eram classificados como "indivíduos imunes" em virtude de sua competência em especialidade importante. Até então, o termo mulomedici foi utilizado para se referir a pessoas especiais (escravos) que eram necessárias para cavalos de tração e de montaria.

Uma figura surge no cenário médico nos tempos dos romanos. Galeno (130 DC- 200 DC), nascido em Pergamon, Grécia, estudou medicina e filosofia desde os 19 anos de idade e foi discípulo de Hipócrates. Escreveu mais de 400 tratados, dos quais, 22 sobreviveram e constituíram mais de três quartos dos trabalhos médicos da Antiguidade. Seu legado para o conhecimento veterinário foi a perspectiva anatômica e fisiológica com base nas dissecções e interpretações funcionais. O período após Galeno foi uma época difícil no Império Romano. Houve maior aceitação da mitologia e de tradições gregas, incluindo seus deuses. A criação e a saúde dos cavalos continuaram a ser prioridade máxima das obrigações veterinárias, mas a produção pecuária também foi importante. Paládio (século III DC) baseou-se na tradição de Columella e teve especial interesse na medicina aviária para as criações de aves. Os autores romanos que depois de Galeno escreveram em latim sobre medicina veterinária tiveram a vantagem do acesso a alguns trabalhos gregos bizantinos. Embora fosse esperado que fossem mais avançados nos princípios de medicina interna, este não foi o caso. O mais importante destes autores latinos indubitavelmente foi Vegetius. Apesar da contribuição romana fosse

menos do que se esperasse, as descobertas romanas eram práticas e foram aplicadas em grande escala. O bem-estar, o transporte e arar as terras eram as prioridades máximas. A profissão romana derivou sua perspicácia médica da experiência agrícola, ao contrário da profissão grega, que se ligava fortemente à medicina. Plínio notou que "o cavalo sofre das mesmas doenças dos homens" e que os animais possuem a capacidade de levar os humanos a curas úteis para si próprios.

O império romano foi dividido administrativamente em dois ramos, ocidental e oriental no século III DC e re combinado mais tarde por Constantino. A comunicação entre os ramos, entretanto, declinou posteriormente e Teodósio dividiu-o em duas partes novamente no ano 395 DC. O ramo ocidental latino progressivamente perdeu o contato com o ramo oriental grego mais criativo e logo sucumbiu aos bárbaros; o ramo oriental sobreviveu por outro milênio. Com a necessidade de manter o poderio, as forças móveis de defesa tornaram fundamental a cavalaria e conferiram à medicina veterinária papel essencial na sociedade: manter a criação de cavalos e a saúde desses animais. Dezesseis livros dentre dezenove discutiam a criação e as doenças dos rebanhos. Esses trabalhos foram úteis até o século XVIII, parecendo disparidades entre as visões agrícolas e médicas das doenças dos animais. A obra *Geoponica* estabelecia muitas superstições e conceitos errôneos. Demétrio de Constantinopla escreveu um tratado sobre falcões e seu tratamento, indicando elevada prioridade à falcoaria. O foco principal da medicina veterinária na época bizantina foi estabelecido no *Corpus Hippiatricorum Graecorum* ou *Hippatrika*, compilação do conhecimento especificamente sobre medicina equina, livro publicado entre os séculos IX e X DC. Apsirtos (300-360 DC), grego nascido em Clazomena, foi o principal veterinário no exército bizantino de Constantino, o Grande. Ele manteve os cavalos de guerra nas campanhas pelo vale do rio Danúbio. Ele forneceu importantes descrições dos principais problemas digestivos dos cavalos, incluindo causas específicas de cólica, como indigestão, vólvulo, distensão aguda dos intestinos e ruptura do estômago, com diagnósticos diferenciais em cada caso. A laminite era atribuída ao excesso de alimentação e tratada pela

restrição dietética, exercícios leves e sangramento moderado, apesar de não ter mencionado o resfriamento das extremidades. A abordagem de Apsirto ao diagnóstico e ao tratamento incluíam a revisão dos sistemas corpóreos (digestivo, circulatório, respiratório, urinário, genital e nervoso), sendo adotado por colegas, todavia parecendo esquecidos em muitas regiões. Quirão (não o centauro da lenda) foi um veterinário greco-romano. O nome Quirão pode na verdade ter sido o pseudônimo de Hierocles, um daqueles escritores da Hippiatrica, que trabalhou pelo ano 350 DC. Quirão escreveu 10 livros de medicina veterinária organizados por sistema corpóreo, o *Mulomedicina Chironis*. O livro, no sistema nervoso, descrevia purgativo capitis, rotina complexa utilizada para tratamento de muitas doenças da cabeça. Estas incluíam doenças com andar em círculo, frenesi, raiva, desmaio e tumefação ou tumor na cabeça. A sequência incluía jejum de grãos, sangramento, sudorese, grandes doses de purgativo com raiz de pepino, repouso, sangramento do palato e purgação da cabeça com *Artemísia* ou raízes de rabanete, após o que a cabeça era levada mais baixa do que os membros anteriores para drenagem. Seus escritos manifestam padrão profissional geralmente bem abaixo dos de Apsirto, já que trabalharam durante o mesmo período, mas Quirão agradece a Apsirto como mestre. Um tópico de particular interesse foi o método recomendado para o tratamento do prolapso uterino na égua. A égua era deitada com a cabeça inclinada e virada sobre suas costas. Despejava-se água morna sobre o útero para limpeza dos debris; em seguida, despejava-se óleo e vinho para proteger o tecido, que era reinserido e reposicionado manualmente. Uma bexiga recentemente obtida de um animal era introduzida no lúmen do útero e inflada para oclusão. A abertura vaginal era fechada com três suturas para manter o útero e a bexiga enquanto permitia saída de urina e corrimentos. O cozimento de folhas de louro e extratos vegetais em vinho tinto era despejada no lúmen uterino. Depois de 12 dias, removiam-se as suturas e a bexiga perfurada para liberar o ar e permitir sua retirada. Em seguida, com repouso e boa alimentação era prevista a recuperação.

Publius Vegetius Renatus, conhecido como Vegetius, escreveu parte de *Artis Veterinariae, Sive Mulomedicinae* no século V DC. Ele também escreveu sobre *On the Distemper of Horses*. Foi um grande interessado na Medicina Veterinária, não inteiramente sozinho.

Apesar dos árabes terem conquistado Alexandria em 642 DC, a universidade grega sobreviveu até cerca do ano 719 DC. O califa al-Mamum (813-833) criou uma academia na qual estimulou a tradução da literatura grega para o árabe. O Corão, escrito antes dos árabes obterem os gregos clássicos, não davam conselhos ou instrução sobre assuntos médicos. As doenças eram tratadas com medicamentos caseiros ("medicina beduína"). Al-Jahiz (século IX) escreveu *al-Hayawan*, o primeiro texto zoológico em árabe, descrevendo a vida animal, comportamento e doenças na região da Mesopotâmia. Vários textos árabes sobre assuntos veterinários trataram de problemas especiais sobre manejo e tratamento de camelos. A notável fisiologia desses animais viajando e vivendo em regiões áridas onde nenhum outro animal doméstico teria conseguido viver é importante. Seu sistema metabólico permitia que vivessem sob imenso estresse térmico do deserto sem água e alimento e sua anatomia podal permitia viajar pela areia transportando pessoas e carga. As fêmeas possuíam capacidade de amamentar por longo tempo, com períodos de gestação de até 13 meses, considerados como "navios do deserto".

Os guerreiros árabes conquistaram partes da Europa com cavalos oriundos daquelas regiões. O profeta Maomé concedeu ao cavalo árabe lugar de destaque na religião Islâmica. Depois de sua morte em 632 DC, seus sucessores levaram com a cavalaria conquistas na Síria, Palestina, Mesopotâmia, Armênia, norte da África, ilhas do Mediterrâneo, Pérsia, Ásia central, Afeganistão e norte da Índia, cruzando em 711 o Estreito de Gibraltar. Os mouros marcharam pela Península Ibérica, continuaram para o leste dos Pirineus e chegaram à Gália (França), sempre com ágeis cavalos árabes. Foram muito rechaçados em toda a Europa, todavia, o foco árabe sobre a cavalaria incutiu a ideia da importância desse animal, tornando-o símbolo dessa época. Sob o reinado de Afonso VII da Espanha (1065-1109), um herói popular, El-Cid,

Rodrigo Diaz, mesmo depois de morto, tomou Valência em 1094 montado em seu cavalo andaluz lobuno (cinzento) de guerra, Babieca, animal morto em 1107. O foco no cavalo árabe levou a avanços no manejo, na clínica e na cirurgia dos equinos que a Espanha adquiriu dos mouros e levou para toda a Europa. O termo árabe "al-Baitar" para os veterinários foi adotado em espanhol como "alveitar" [no Brasil foi adotado como "prático", sem formação profissional adequada].

Juan Alvares de Salamiellas que viveu na Gasconha mas escreveu em espanhol no século XIV um livro memorável, Libro de Menescalia e de Albeiteria et Física de las Bestias, descrevendo doenças do cavalo e suas "curas" cirúrgicas e clínicas. Na tradição árabe, o livro de Alvares ilustrou ampla gama de instrumentos cirúrgicos, formulário de muitas medicações e abordagem à oftalmologia. Comparada a outros conhecimentos europeus, a medicina veterinária espanhola derivada dos mouros era mais avançada, incluindo a tumefação do tronco que poderia ser uma hérnia e o método para tratamento, incluindo incisão, reposição das vísceras, sutura do peritônio e fechamento da incisão pelo lado esquerdo.

O rei Alfonso V da Espanha foi o patrono da ciência e da Medicina Veterinária, solicitando ao Marechal Don Manuel Diaz para compilar a informação veterinária obtida na expedição veterinária a Nápoles, completada em 1443 e seu trabalho estabeleceu o padrão do tratamento e clínica veterinária equina no Libro de Albeyteria por lo Noble Mossen Manuel Diaz.

O sistema de alveitares (doutores em equinos) na Espanha originou-se dos antecedentes mouros. Os textos mais antigos vieram de mosteiros espanhóis: no século XII, o Liber Artis Medicinae, de Ripoli e Frei Teodorico em Valência tratavam de doenças dos equinos e o monge português Bernardo escreveu Os Sete Livros de Alveitaria e Ciência no final do século XIV. Em 1500, foi aprovada uma lei que estabelecia formalmente um sistema de padrões e examinadores denominados de protoalveitares para os novos alveitares ou doutores em equinos, em que o treinamento era por aprendizado.

O reinado de Isabel e Fernando na Espanha foi o ponto que marcou o encerramento da Idade Média e o início do Renascimento. Este sistema de alveitares viajou para a América porque Don Juan Suarez de Peralta (1536-1590), nascido de família nobre do México, escreveu o Tratado de Alveytaria entre 1575 e 1580, sendo o primeiro tratado sobre o assunto escrito no Novo Mundo. Forte evidência indica que as epidemias de doenças animais (epizootias) frequentemente começaram durante as invasões militares com cavalaria, especialmente aquelas das estepes asiáticas para o oeste, nas quais era costume viajar com rebanhos acompanhando as invasões. Os rebanhos dos locais invadidos eram particularmente vulneráveis, já que não dispunham de exposição prévia e, portanto, sem imunidade. Apesar de os animais dos bárbaros parecerem imunes à peste bovina, algumas outras doenças acometeram os animais dos bárbaros igualmente. A população local, os proprietários de rebanhos e as autoridades não tinham ideia de como controlar o problema. Alguns surtos, presumivelmente de peste bovina, resultaram em taxas de mortalidade de até 90 por cento. As doenças dos animais ocorreram durante os três primeiros séculos da era cristã, porém foram mal documentadas. Sabe-se que vários surtos do que se acredita ser a peste bovina ocorreram no quinto e no sexto séculos, após as incursões dos hunos sob o comando de Átila. Como os bovinos eram amplamente usados na agricultura, todo o sistema de produção foi prejudicado. O custo para a saúde animal resultou da exposição a novos patógenos virulentos, de condições ambientais estressantes, falta de alimento e utilização de muitos em atividades militares. Ocorreram epidemias de raiva no continente, resultado do uso de cães de guerra por tribos teutônicas, incluindo casos de raiva em humanos. Não surpreendentemente, a saúde humana também sofreu: o canibalismo e a ingestão de gafanhotos contribuíram.

Sanguessugas foram utilizadas amplamente para "ajuste dos humores", especialmente *Hirudo medicina/is*, como alternativa do uso da queimadura. Aos famosos santos gêmeos Cosme e Damião, nascidos na costa mediterrânea da Ásia Menor (Turquia), foram atribuídas curas milagrosas em humanos, incluindo o transplante da perna de um morto para um paciente vivo com

gangrena na perna. Seus poderes de cura também foram aplicados na actinomicose dos cavalos. Uma onda de doenças de bovinos, incluindo certa forma de "loucura" que começou na França em 570 DC, disseminou-se também para cervídeos e ovinos. Acreditava-se que a influência do túmulo de São Martin reduzia a taxa de mortalidade: o óleo da lamparina do altar foi usado para aplicar aos rebanhos e os resíduos eram espalhados pelos pastos. Dizia-se também que a aplicação de ferro em brasa com a chave da igreja na cabeça dos animais saudáveis era a forma de prevenção. Esta superstição continuou durante muito tempo. São Leonardo, falecido em 599 DC é venerado na região rural europeia como padroeiro dos animais doentes. A sequência de muitas doenças dos bovinos ocorreu na Irlanda no século VIII, disseminando-se para a Grã-Bretanha e para o continente europeu. Outros quadrúpedes e até humanos eram acometidos por alguns surtos.

Uma persistente superstição era a ideia de que os bovinos com chifres eram considerados como alvos de elfos, pequenos demônios terríveis com poderes mágicos e que seriam a causa de determinadas doenças nos animais. Talvez essa superstição fosse a tentativa de explicar problemas então inexplicáveis como o timpanismo nos bovinos.

Os códigos celtas de Gales continham regras definindo a responsabilidade civil para as doenças e tratamento dos animais. O cavalo adquirido que demonstrasse qualquer sinal de mormo após a venda poderia ser devolvido ao vendedor até um ano depois da transação. Doenças menos sérias dos animais apresentavam "períodos de garantia" mais curtos. Ainda, se alguém receitasse qualquer remédio para um animal deveria ser pago por isso. Se o remédio provocasse lesão ao animal, deveria ser paga indenização. Regulamentos semelhantes foram promulgados antes na Europa, sob o reinado de Carlos Magno. O manuscrito mais antigo escrito em inglês arcaico que sobreviveu foi Leechbook of Bald [leech = sanguessuga] com aplicação prática no século X DC, depois que o rei Alfred (871-899) restaurou as atividades culturais com o enfraquecimento da opressão dinamarquesa. Este livro descrevia encantamentos e medicamentos vegetais. Administravam-se três sanguessugas contra os sinais das seguintes doenças dos animais: pernas

inchadas, problemas da vesícula e timpanismo agudo. Não se menciona quem deveria administrar os medicamentos vegetais e fazia com que os supersticiosos apelassem a Deus. O conhecimento útil foi esparso mas o livro foi o registro inicial de práticas de cuidado animal.

O livro *The Medicine of Quadrupeds* apareceu no século XI DC, desenvolvendo um sistema ineficaz de tratamento no qual eram utilizados extratos animais. Uma das mais famosas curadoras místicas de animais na Europa medieval foi Santa Hildegard de Bingen (1099-1179). Desde criança tinha visões e aos 14 anos ingressou em mosteiro beneditino, tornando-se abadessa em 1136. Suas visões continuaram e intensificaram-se. Sem escolaridade básica em assuntos médicos e veterinários, os diagnósticos e recomendações da santa para tratamento de humanos e de animais derivou em parte de pessoas familiarizadas com os trabalhos de Aristóteles e suas ideias sobre as doenças dos animais foram registradas por escribas em dois livros, *Physica* e *Causae e Curae*. Os medicamentos incluíam produtos naturais, principalmente ervas. Além de encantamentos, bênçãos e exorcismos, pedras eram utilizadas e recomendava produtos diferentes para as diferentes espécies. Por exemplo, para a raiva canina, recomendava a cabeça de uma cotovia. Ferimentos por mordeduras eram tratados com mel, ovos brancos e a planta *Achillea*. Cólica ou dor abdominal eram aliviadas com lavagem, salada e urtiga.

O valor das contribuições para o progresso cultural realizado durante a Idade Média foi subestimado. A invenção da imprensa sozinha teve maior impacto no acesso humano ao conhecimento do que qualquer outro desenvolvimento desde a invenção das línguas. O estabelecimento de universidades compete com a idade clássica da Grécia na escala de impacto sobre o conhecimento humano. A invenção da ferradura transformou o transporte e o bem-estar. Os notáveis desenvolvimentos na ciência, na agricultura e na medicina que começaram no final do período medieval gradualmente transformou a sociedade secular. A educação médica iniciou-se com a abordagem comparada nos estudos utilizando o suíno em Salerno; esta abordagem, acoplada a estudos acadêmicos rigorosos mudou o curso das

ciências da saúde. Frederico II (1194-1250), rei da Sicília, era meio germânico e meio normando e teve especial interesse na medicina veterinária, sendo o patrono dessa profissão. Depois de 1221 ele legislou obrigando os médicos de Salerno a realizar exames de proficiência conduzidos pelos professores da universidade a fim de não incorrerem em erros. O decreto de 1241 determinava que os candidatos ao exame precisavam de autorização para prática da medicina no reino e deveriam estudar anatomia em corpos humanos para obtenção do certificado. Presumivelmente, as disseções eram feitas em animais, notadamente os suínos. Os estudantes médicos precisavam de três anos de treinamento geral em lógica, vários anos de estudo especializado em clínica e cirurgia e um ano de prática sob supervisão de um médico. Os graduados em Salerno precisavam fazer o juramento conforme a tradição de Hipócrates e foram os primeiros a serem chamados de doutores.

Frederico II tinha interesse geral na ciência e, por ser fascinado pelos animais de qualquer espécie, acumulou grande quantidade de aves e mamíferos exóticos, com particular interesse pelas aves e acreditava que os abutres localizavam seu alimento pela visão. Escreveu um tratado sobre ornitologia e falcoaria, com seis volumes e intitulou *De Arte Venandi cum Avibus* [A arte da caça com aves]. O interesse do rei pela ciência estendeu-se ao manejo animal, à história natural e à medicina veterinária. Para atingir o padrão da medicina equina, o rei indicou o calabrés Giordano Rufo como chefe das cavaliarias imperiais e "marechal" ou veterinário. Solicitou que Giordano escrevesse um livro que só foi completado após a morte do imperador em 1250, *Medicina Equorum*. Entre as importantes contribuições de Rufo é de salientar o interesse pelo pé e pela boca dos equinos, além de criar o primeiro sistema medieval europeu para denominar e agrupar as doenças dos equinos. Seu livro trata de aspectos de higiene, de reprodução, conformação corpórea, treinamento, cuidado diário, ferrageamento, freios e mordeduras, diferenciando malformações em recém-nascidos e doenças adquiridas. Identificou 57 doenças pelo nome e descrição dos sintomas que forneciam pistas para o diagnóstico, bem como detalhando o tratamento recomendado. Tendo em vista o interesse especial do imperador, a importância do cavalo e o

componente comparativo do desenvolvimento de centros médicos em Salerno e em Nápoles, como fontes de renascimento médico, incorporado o trabalho de Rufo, Medicina Equino, equipararam a medicina veterinária e a medicina humana. Bishop Teodoric (1205-1296) da Sérvia, fez interessante contribuição à cirurgia derivada da medicina veterinária do período de Rufo. Experimentou aplicar esponjas embebidas em drogas hipnotizantes às narinas para induzir inconsciência e analgesia antes da cirurgia. Inicialmente utilizou Hyosciamus niger para acalmar um cavalo antes da cirurgia, porém ele continuou a experimentar outros produtos como ópio da papoula e a raiz de mandrágora.

Um professor dessa época foi Michael Scotus, que traduziu do grego *Historia Animalium* de Aristóteles. Ainda, Lorenzo Rusio (1288-1347), publicou *la Malasia*, livro tratando do cuidado com os equinos que ficou tão popular e traduzido para o francês, alemão, italiano e espanhol, sob diferentes títulos para não ser confundido com *Hippiatrika*. Em 1550, Grisone publicou *Regras de Equitação*, que apareceu em muitas edições. Cesare Fiaschi (1523-1592), nobre de Ferrara, Itália, fundou uma escola de equitação e, grande entusiasta da equinocultura, publicou em 1556 o *Tratado de Freios, Manejo e Ferrageamento*. Thomas Blundeville, de Newton Flotman, professor inglês com amplo interesse em que a Grã-Bretanha atingisse os padrões de equitação da Europa continental traduziu o livro de Grisone. Este autor escreveu diversos artigos sobre criação, manejo, corrida e cuidado veterinário em inglês. Gervase Markham (1562-1537), inglês, foi autor prolífico, publicou *Cave/arice or the English Horseman* em 1607 e *Markham Maister-Piece* em 1610, que chegaram a 21 edições. Andrew Snape (1644-?) publicou *Anatomia do Cavalo* em 1683, sendo o primeiro sobre este assunto em inglês. Em colaboração com Samuel Collins (1618-1710) publicaram *Sistema de Anatomia Tratando do Corpo do Homem, das Bestas, dos Pássaros, do Peixe, dos Insetos e das Plantas*. William Taplin, cirurgião, na segunda metade do século XVIII escreveu vários trabalhos sobre doenças dos cavalos e dos cães entre 1778 e 1803, sempre em múltiplas edições. Sobre os cães escreveu sobre cinomose, loucura e raiva; sobre equinos, ampla gama de tópicos.

Michael Harward, de Cheshire, no século XVII mudou-se para a Irlanda e fez as contribuições mais significantes para a medicina veterinária. Condenou as práticas disseminadas de superstições e encantamentos encontradas entre os criadores daquele país. Em 1673 publicou um livro *The Herdsman's Mate* [O Amigo do Criador], com base nos seus 30 anos de experiência. Descreveu diversas doenças, inclusive a raiva, observada após a mordedura de cão raivoso.

O pai da parasitologia foi Francesco Redi (1626-1697), de Arezzo e da Universidade de Pisa. Ele raspou as crostas da sarna, aplicou pomadas e fez sangria em seus tratamentos. Recebeu uma carta de Cosmo Bonomo em 1687 descrevendo o ácaro *Acarus scabiei* e seus ovos como causador da sarna humana. Publicou importante trabalho, *Observações sobre Animais Vivos Encontrados com Outros Animais Vivos*. Outros trabalhos publicados trataram de doenças como enfisema dos equinos e claudicação dos equinos.

A percepção generalizada da evolução da arte veterinária na Idade Média foi o tempo de fracionalização e bem-estar repetido por um lado e do fundamentalismo teológico anticientífico de outro. Havia sinais de curiosidade espontânea em direção ao aprendizado, com indivíduos movimentando-se para centros de instrução. Embora esses centros fossem acometidos por alterações constantes nas forças políticas, a chama intelectual jamais se extinguiu completamente e sempre reaparecia em algum lugar. Finalmente, com o Renascimento italiano como foco inicial, a legitimidade do ensino foi recuperada e começou longo fluxo de artes, ciências e profissões. A visão mais estreita do desenvolvimento da medicina veterinária é frustração que um campo com tal imenso potencial para contribuir com o futuro promissor fosse repetidamente bloqueado em seu desenvolvimento natural na sociedade ou mal dirigido por figuras que tentavam manipulá-lo. O cavalo dominou a cena por três mil anos em virtude de seu significado militar e atração esportiva para classes dominantes. A prioridade concordante do cavalo significou que outras espécies tiveram pesadas perdas em virtude das doenças acometendo os rebanhos de ruminantes. O nível de ignorância era tão extremo em relação a

doenças que obrigou a dirigir o problema para o estabelecimento do método científico.

O estudo da medicina animal deveria ter acompanhado o desenvolvimento da medicina humana na Europa a partir das raízes antigas de Salerno. Em poucas ocasiões na história, indivíduos como Apsirto, bizantino no século XIV, e Rufo no século XIII começaram a fornecer o arcabouço da profissão veterinária, porém seus esforços não foram mantidos. As tentativas iniciais derivaram principalmente da preocupação das autoridades na busca da superioridade militar, necessitando que seus cavalos continuassem saudáveis ou que fossem curados quando não estivessem. Motivos semelhantes mantiveram-se na era moderna, quando chegou o tempo para a profissão de medicina veterinária renascer. Dois deles foram identificados repetidamente: a necessidade de melhor medicina veterinária equina e os elevados custos de crises agropecuárias provocadas pelas epidemias recorrentes de doenças de bovinos, acompanhadas de elevadas taxas de mortalidade. A plethora de doenças menos impressionantes dos rebanhos merecia pouca atenção. John Locke (1632-1704) editou um jornal com diversas anotações sobre práticas e superstições sobre tratamentos veterinários. Ele trouxe o Iluminismo, movimento que rejeitava a ideia da autoridade como garantia da verdade. Ao contrário, em lugar dos reinados da religião, da política, da moralidade e da vida social insistia no sentido da razão. Com base na "revolução" científica do século XVII e da nova filosofia liberal, o Iluminismo era internacional, todavia centralizada na França no século seguinte, cujos líderes eram "filósofos", indivíduos eruditos em Paris. Montesquieu, Rousseau e Voltaire gradualmente acumularam princípios e valores ao contrário de muitos, que se consideravam bem informados e progressistas, uma vez que percebiam tudo como verdades auto evidentes. Considerando a limitada cultura da maioria das pessoas que lidavam com animais e a devastação de repetidas epidemias dos bovinos, o tempo foi o amadurecimento para atacar o estado insatisfatório e a capacidade da medicina animal.

O rei Luís XV estabeleceu uma escola militar magnífica na metade do século XVIII, que inevitavelmente elevou a ênfase no cuidado médico dos

equinos, incluindo o controle do pavor da peste. Napoleão Bonaparte graduou-se nesta escola. O avanço das ciências relevantes para a medicina comparada foi outro principal fator preparatório para a profissão veterinária. Buffon, em sua descrição zoológica do cavalo, estabeleceu sua percepção da necessidade da medicina científica dos animais: Não posso encerrar a história do cavalo sem notar com arrependimento que a saúde deste útil e precioso animal foi até hoje oferecida ao cuidado e prática médica, frequentemente cega, de pessoas sem conhecimento e sem qualificações.

As perdas de bovinos na França e na Bélgica como resultado de pragas bovinas entre 1713 e 1786 foram estimadas em cerca de dez milhões. A peste bovina chegou à região de Lion fortíssima em 1744. A Academia de Ciências, em função do aviso de Buffon, em 1745 nomeou uma comissão composta por médicos, cirurgiões e botânicos para estudar o problema. Assim, a epizootia começou a preocupar a opinião pública e as autoridades, começando o estágio para nova abordagem. Acoplada a enormes perdas de equinos durante as contínuas guerras da era precedente, as terríveis perdas dos rebanhos que deixavam as autoridades impotentes desmoralizaram o governo. A crise rural veio por ocasião do declínio da mortalidade humana na Europa e esta situação foi ligada ao progresso notável da agricultura, juntamente com o progresso econômico e industrial. A disparidade entre o progresso na saúde humana e o declínio na capacidade de suprimir as epizootias animais tornou-se óbvia.

O primeiro ministro, que dispunha de responsabilidade especial sobre a agricultura era Henri-Leonard-Jean-Baptiste Bertin (1712-1779), que dispunha de relações de amizade com Claude Bourgelat, diretor da Academia de Quitação em Lion, o qual concebeu a grande ideia de fundar uma escola para o tratamento dos rebanhos, especialmente de equinos. Bertin, que se dedicava à melhora na agricultura e queria encontrar meios de atenuar a enorme perda de rebanhos em virtude de epidemias, obteve autorização para estabelecer a primeira escola de veterinária em Lion sob o comando de Bourgelat. Finalmente, o decreto do Conselho Real de 4 de agosto de 1761, assinado por Lamoignon de Malesherbes e pelo primeiro ministro, garantiu a Bourgelat a verba para iniciar a escola de veterinária. O documento justifica a

decisão: abrir uma escola (...)onde se ensine publicamente os princípios e os métodos de curar as doenças dos rebanhos que adquiririam imperceptivelmente para a agricultura do Reino o poder de conservar os rebanhos quando esta epidemia estiver grassando pelo país. A nova escola iniciou seus trabalhos em 1º de janeiro de 1762.

Em seguida, em 1764, a escola recebeu autorização para ser denominada como Escola Real de Veterinária, tornando-se a Escola Real de Veterinária de Lion. Depois da Revolução, quando a França se tornou república, a palavra Real foi suprimida, tornando-se Nacional. O objetivo de Bourgelat era o de abrir novas escolas para treinar novos profissionais em outras localidades. A segunda escola, de Paris, graças ao apoio financeiro do barão de Bornes, foi instalada em 1765 em Charenton, depois transferida para Maisons Alfort [onde até hoje se encontra]. A localização o olho da tormenta intelectual. Dessa forma, a criação da segunda escola de veterinária em Alfort instalou a profissão firmemente no mapa e, por isso, foi incorporada nos grandes movimentos para mudanças que provocaram a reviravolta da tradição e das hierarquias ameaçadoras. Apesar de Bourgelat ter o dom da organização e conhecesse perfeitamente os corredores de influência para seu treinamento legal, faltava-lhe qualificação e estilo necessários para se tornar verdadeiro e eficiente líder acadêmico. Ele fez valiosa tentativa para adquirir conhecimento de anatomia e clínica, todavia foi mais ajudante de ordens superiores e instrutor de equitação do que veterinário. Ele parecia demonstrar pouca preocupação com as necessidades dos rebanhos, sua experiência pessoal e obsessões ligavam-no aos cavalos. Os estudantes enviados de outras regiões ficaram uniformemente desapontados com a falta de estudos relevantes para a produção animal e para as epidemias. O currículo inicial consistia de pouco mais que anatomia, atividades de ferrador e clínica equina.

Bourgelat possuía um poderoso rival, encarado como doutor em equinos da França, Phillipe-Etienne La Fosse, nascido em 1738 e filho de Etienne La Fosse (pai), distinguido responsável pelas cocheiras reais e conhecido por seus próprios trabalhos sobre ferraduras e mormo, treinado por outro semelhante conhecedor do assunto. O filho Phillipe acompanhou o

estudo de anatomia equina, fazendo necropsias e colhendo amostras de doenças, acompanhando seu pai quando atendia animais doentes e conhecendo tratamentos, operações e curativos. Ensinava anatomia nas cavaliarias de Versalhes aos 18 anos. Seu tino científico logo se manifestou na obra Memória da Mordida de um Musaranho, submetida às Academia de Ciências, sendo Buffon seu examinador em 1757. Ele demonstrou que a doença atribuída a tal mordedura nada mais era que uma forma de antraz (carbúnculo). Phillipe foi incorporado ao exército em 1758 para recomendar medidas para controlar os surtos de antraz na cavalaria. Em 1761 inscreveu-se na faculdade de medicina e produziu a Dissertação sobre Antraz em Equinos. Apesar de sua óbvia superioridade em conhecimento veterinário, não foi convidado para a nova faculdade, continuando produtivo, publicando o Guia para Cuidadores de Cavalos em 1766, abrindo curso de hipiatria, fechado pouco tempo depois, como escola particular de veterinária, e publicou Curso de Hipiatria ou Tratado Completo sobre a Medicina do Cavalo em 1772 em dois volumes. Depois de alguns anos publicou Memória sobre Doenças Epizoóticas, Cavalaria e Cuidados com os Cavalos, em quatro volumes, e o seu popular Manual de Hipiatria.

Phillip foi o mais acerbo e amargurado crítico de Bourgelat e de sua escola. Ele se considerava muito superior a Bourgelat e da faculdade no turbulento período inicial de Alfort, fazendo até campanha com intenção de destruir a reputação de Bourgelat e da escola. Phillipe adotou as ideias de liberdade da queda da Bastilha, tornando-se inspetor geral de remontas. Foi posteriormente acusado e preso por um ano durante a caótica época da Revolução Francesa. Em 1790 publicou um libelo, A Escola Real de Veterinária de A/fort; Razão da Inutilidade desse Estabelecimento e Formas de Substituí-la com Grande Economia para o Estado. Mesmo após a morte de Bourgelat em 1779, Phillipe sobreviveu por mais 30 anos e publicou uma diatribe injusta contra as duas escolas de veterinária com o título aparentemente inócuo de Nova Teoria e Prática da Equitação. Apesar do imprudente e inadequado comportamento em relação a Alfort, Phillipe-Etienne La Fosse tem lugar garantido na história como um dos primeiros mestres da hipiatria. A escola de

Lion foi atingida por dificuldades financeiras depois da morte de Bourgelat e em 1793, durante o Reinado do Terror que se seguiu à Revolução Francesa, a escola até foi bombardeada durante o cerco de Lion, mas o novo diretor, Louis Bredin, salvou-a transferindo os estudantes, os animais e as coleções de propriedade da escola para Eailly, distante alguns quilômetros de Lion, voltando em 1796 para o antigo convento das Damas de Santa Elisabeth.

No final do século XVIII, a Imperatriz do Império Austro-Húngaro- Maria Teresa acompanhou o modelo de Lineu para a Suécia e enviou três estudantes para a escola de Lion no ano seguinte à sua fundação. Reconhecendo que o público austríaco mantinha os trabalhadores com animais em elevada estima e como preparo para a nova classe de doutores em animais, lançou um decreto em 1765, ordenando punições para aqueles que se opusessem aos professores da nova profissão veterinária. Seu filho e co-regente Joseph II indicou o veterinário italiano treinado em Lion Scotti como chefe do hospital e da escola para medicina e cirurgia equinas em Viena em 1766, a primeira em país de fala germânica. Este hospital foi dissolvido em 1777 e uma nova escola foi estabelecida para substituí-lo.

Charles-Emmanuel III, rei da Sardenha, enviou quatro estudantes para a escola de veterinária de Lion em 1762. Um destes, Giovanni Brugnone, foi nomeado veterinário da cavalaria real e outro, Toggia, tornou-se chefe veterinário do exército. Em 1769 uma escola de veterinária foi fundada em Turim, no noroeste da Itália, sob a direção de Brugnone. Esta escola foi construída pelo ministro da Guerra e foi organizada ao longo das linhas militares a fim de treinar veterinários para o exército do Piemonte. Durante a ocupação francesa depois de 1800, o desenvolvimento da escola foi interrompido, sendo mudada diversas vezes. Em 1834 foi transferida para Fossano, próxima da estação ferroviária de Turim. Giovanni Battista Ercolani (1817-1833) tornou-se diretor até a mudança para Bolonha em 1854.

O desenvolvimento de países de fala germânica acompanharam aquele da França e da Escandinávia. A ciência veterinária desenvolveu-se mais localmente em virtude da grande fragmentação do poder em principados.

Johann Erxleben estudou medicina mas não completou os exames finais. Conseguiu uma bolsa para ensinar física e química. Em 13 de outubro de 1768 escreveu uma carta para o curador da florescente Universidade Augusta Georgia em Göttingen, Freiherr von Munchausen e propôs como válida a introdução de medicina animal como programa dessa universidade, garantindo que tendo estudado medicina havia adquirido base científica para essa finalidade e que ensinaria medicina e medicina animal. Pedia ao governo, portanto, permissão para ensinar medicina veterinária e matéria médica durante seis meses a um ano. Foi a Holanda e estudou veterinária na escola de Lion, na França. Ao retornar em 1770, começou a fazer palestras sobre veterinária, tornando-se o primeiro professor de medicina veterinária. Após sua morte, a escola foi fundada, porém mantida pela faculdade de medicina e farmácia. Karl Fiedrich Lappe (1787-1854) tornou-se diretor em 1816 e restaurou o programa clínico veterinário. A política de Hannover, entretanto, determinou que uma nova escola de veterinária fosse estabelecida naquela cidade e Göttingen começou a desaparecer.

Peter Hernquist (1726-1808), da Suécia, foi aluno de Lineu (professor de medicina e história natural em Uppsala) decidiu ir para a França, onde permaneceu por seis anos para estudar medicina veterinária com Claude Bourgelat em Lion, e depois com Phillipe-Etienne La Fosse em Paris. Lineu escolheu Hernquist para iniciar a nova profissão na Suécia por conseguir penetrar na mais difícil das ciências e pelo dom da redação. Em 1775, fundou a escola de veterinária em Skara, na Suécia e foi seu diretor por 33 anos até sua morte, deixando como legado de modelo viável e respeitado para a profissão em toda a Escandinávia.

Peter Christian Abildgaard (1740-1801), dinamarquês, estudou em Lion, completando o curso de três anos em apenas dois anos e meio. Obteve o grau de doutor em medicina com tese defendida em 1768. Em 1776 propôs a expansão das instalações e sugeriu uma carta real, assinada em 1777 criando uma escola de veterinária. Criou ainda o Haras Real, tornando-se seu diretor em 1790. Foi solicitado que estudasse criação de cavalos e doenças de bovinos. Quando Edward Jenner publicou seu notável trabalho na Dinamarca sobre

varíola e sua vacinação em 1798, Abildgaard pediu vacinas na Inglaterra e conduziu a primeira vacinação humana na Dinamarca na escola de veterinária. Seu assistente, Erik N. Viborg (1759-1822), botânico antes de se formar veterinário, tornou-se professor da escola em 1796 e sucedeu Abildgaard após sua morte.

A história da origem da moderna profissão veterinária na Grã-Bretanha foi contada por Leslie Pugh em *From Farriery to Veterinary Medicine* 1785-1795. De acordo com Pugh, a semente após a germinação levou ao estabelecimento do Veterinary College de Londres, atendendo a moção de Thomas Burgess durante a reunião da Sociedade Agrícola de Odiham em Hampshire em 1785. A Sociedade indicou ao comitê londrino a implementação do plano em 1790, que estabeleceu a escola em 1791. A segunda escola de veterinária britânica foi estabelecida em Edimburgo em 1820.

NOTAS DO TRADUTOR

Como se pode depreender do texto, a Europa foi seguramente o berço da profissão de medicina veterinária atual, independente de várias tentativas anteriores, todas elas merecedoras de consideração e respeito. Muitos médicos veterinários foram importantes e tiveram seus nomes inscritos nesta história. Gostaria apenas de lembrar dois fatos curiosos:

Louis Pasteur, pai da Microbiologia, era químico de formação mas dedicou-se com afinco à microbiologia. Certa ocasião declarou: "Se eu tivesse que estudar em faculdade de novo, certamente seria nos bancos de Alfort (Escola de Medicina Veterinária em Paris) que me sentaria".

A vacina BCG (bacilo de Calmette e Guérin) [tuberculose] foi desenvolvida pelo médico Albert Calmette e pelo médico veterinário Camille Guérin na França.

Outros muitos médicos veterinários mereceriam menção neste momento, mas destaco um deles, que na minha opinião, constitui marco importante da nossa nobre profissão (texto do Dr. Percy Infante Hatschbach):

PETER CHARLES DOHERTY

Em outubro de 1996, a imprensa mundial informava que o Prêmio Nobel de Medicina tinha sido outorgado aos cientistas PETER CHARLES DOHERTY, médico veterinário australiano e ROLF ZINKERNAGEL, médico suíço. Os dois pesquisadores foram agraciados com o Prêmio Nobel pela descoberta de como o sistema imunológico dos seres humanos reconhece células infectadas por vírus. Além da importância da pesquisa premiada, PETER

C. DOHERTY hoje faz parte da historiografia mundial das ciências biomédicas e é o primeiro médico veterinário a ter recebido tal distinção honorífica. Mas quem é Peter Charles Doherty? Sua biografia relata que é de nacionalidade australiana, tendo nascido no dia 15 de outubro de 1940, na cidade de Brisbane, ao leste da Austrália, capital do estado de Queensland.



1957- Prestou vestibular para a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Queensland, diplomando-se em 1962.

1963 a 1966 – Trabalhou como pesquisador no Instituto de Pesquisa Animal de Brisbane.

1967- Foi contratado como pesquisador-principal (“Senior Scientific Officer”) pelo Departamento de Patologia Experimental do Instituto de Pesquisa Moredun, na cidade de Edimburgo, Escócia.

1970- Recebeu o grau de “Doutor” pela Universidade de Edimburgo, Escócia.

1972 a 1975- Exerceu o cargo de pesquisador-visitante no Departamento de Microbiologia da “The John Curtin School of Medical Research, da Universidade Nacional da Austrália, situada na capital Camberra.

1976 a 1982- Professor-associado do Instituto Wistar, situado na Filadélfia, estado da Pensilvânia, USA.

1983- Regressou ao país natal, Austrália, para assumir a função de diretor e professor no Departamento de Patologia Experimental na “The John Curtin School of Medical Research”, em Camberra.

1988- Assumiu a função de diretor do Departamento de Imunologia do “St. Jude Children’s Research Hospital”, situado em Memphis, Tennessee, USA.

1992- Professor-adjunto no Departamento de Patologia Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Tennessee, em Memphis, USA.

1993- Recebe o título de “Alumnus of the Year” , da Universidade de Queensland, Austrália.

1995- Peter C. Doherty e Rolf Zinkernagel recebem o prêmio “The Albert Lasker Medical Research”, outorgado pela Fundação Lasker, com sede em Nova York, USA.

1996- Peter C. DOHERTY e Rolf ZINKERNAGEL são agraciados com o Prêmio Nobel em Medicina, pelas importantes pesquisas em imunologia animal e humana.